

DIVERSAS FORMAS DE DISCUTIR LINGUAGEM

MARTINS, Maria Helena. **Questões de linguagem**. São Paulo: Contexto, 1991. 105p.

A diversidade de textos reunidos nesta obra e organizados por Maria Helena Martins, tratando de um mesmo assunto de formas diferentes, fazem deste livro um prazeroso instrumento de leitura.

Os textos são coletâneas de trabalhos, de vários autores, tratando da questão da linguagem e sua problematização.

O primeiro texto "Linguagem e educação", de Haquira Osakabe, trata do exercício da linguagem no magistério, de acordo com este "Muito pouco tem a ensinar a escola pública brasileira atual aos cidadãos das camadas populares nas exigências lingüísticas mais imediatas, no contexto particular, na intimidade de suas relações mais próximas" (p. 9).

A seguir vem o texto de Adilson Odair Citelli, "O ensino de linguagem verbal: em torno do planejamento" que foi escrito com o intuito de responder a uma indagação "saber como introduzir no planejamento de língua portuguesa um espaço para analisar a presença da linguagem verbal nos meios de comunicação de massa" (p. 12). Partindo da análise de um slogan da Sadia, onde foi usado de forma imprópria um artigo, o autor tece considerações acerca dos males causados pela publicidade no uso indevido de determinados vernáculos, que por vezes deixa o sentido de uma palavra alterado devido a sua colocação. Cabe ressaltar que vemos muito isso nos programas infantis na TV.

"Da ciência à poesia e vice-versa" é o texto de Marisa Lajolo, que trata do uso da linguagem nas ciências buscando o que

diferencia esta de outras linguagens. Para exemplificar a objetividade da linguagem científica, a autora faz uso de pequenos textos extraídos de livros escolares, o que torna a leitura desse artigo bastante interessante, principalmente no momento em que confrontamos esses textos.

No trabalho "Cartilhas: a negação do leitor", a autora, Mary Julia M. Dietzsch estudou as cartilhas utilizadas nas escolas paulistas entre as décadas de 1930 e 1970 "(...) na tentativa de se buscar nas entrelinhas do seu discurso, o sentido de sua fala" (p.30). Esta analisou as cartilhas no sentido de buscar nessas sua eficiência no processo de alfabetização e formação de leitores, mostrando que abolir o uso da cartilha não seria a solução para o fracasso da alfabetização. Basta dizer que todos nós fomos alfabetizados através da cartilha e sobrevivemos a isso. Não basta criticar a cartilha do professor para que a alfabetização seja um processo menos fracassado. É necessário dar-lhe condições para que alfabetize.

O texto de João Wanderley Geraldi, "O professor como leitor do texto do aluno", mostra como o professor lê os textos de seus alunos esquecendo-se do trabalho com a linguagem e "(...) que a leitura dos textos dos alunos pode ser o primeiro caminho para um trabalho sobre a linguagem." (p. 53)

Na comunicação "A escrita como trabalho" as autoras, Raquel Salek Fiad e Maria Laura Trindade Mayrink-Sabinson, tecem considerações acerca da escrita como uma construção que processa-se na interação e vêem esta como um trabalho onde elas propõem o seu ensino como uma aprendizagem, mostrando como os alunos pensam a escrita e quando reescrevem, que mudanças fazem e onde "Os alunos passam a considerar um texto escrito como resultado de um trabalho consciente, deliberado, planejado, repensado." (p. 63)

O texto "A mediação do professor entre o texto e o leitor", de Sônia Ignez Gonçalves Fernandez, afirma que "Quanto mais tenho compreendido a assimetria entre o texto e o leitor e, as condições da interação entre ambos, mais me convenço da importância da mediação nos trabalhos com leitura na escola." (p. 64), esta mostra a interação como produto de uma atividade interpretativa que cada leitor pode dar a determinado texto e a necessidade da intervenção do mediador.

A seguir temos dois textos tratando do mesmo assunto "A leitura na escola": no primeiro a autora Maria Lúcia Zoega de Souza, coloca que não basta alfabetizar para criarmos leitores e que a leitura "(...) tem sido pensada como coisa menor na escola, ou coisa de menor como se diz (de forma bem dita) popularmente" (p. 72). Ela levanta a questão do hábito e que este é algo que fazemos mecanicamente e isso nos faz lembrar o hábito de escovar os dentes e leitura não é como escovar dentes e aqui nos reportamos às suas palavras "Ler significa saber mais, mas, ao mesmo tempo, comprometermo-nos mais: alunos e professores." (p. 76)

O segundo texto de Ana Maria Bonato Garcez Yasuda, sobre leitura, foi produzido a partir do primeiro: neste houve uma preocupação em colocar que se tem produzido muitos alfabetizados nas letras e poucos que sabem ler e que há um desejo de ler antes do indivíduo ingressar na escola e, feito isso, esse desejo se perde, pois passa a existir uma cobrança de acertos e o professor com isso não mais é um mediador, mas um cobrador de acertos. A autora finaliza seu texto de uma forma bastante clara que nos chamou a atenção: "(...) a formação de um leitor competente é também a formação de um ser sensível, inteligente e aberto para o aprendizado constante que se poderia fazer com a leitura na escola" (p. 79).

"Poder e onipotência da televisão: inquietações no ar" é o título do texto de Maria Thereza Fraga Rocco, onde ela coloca que existem cobranças que são feitas à TV juntamente com os deveres e obrigações que não são de seu cunho cumprir, e se existe algo a temer com relação a esta é mais porque não temos outras opções culturais e de lazer. Este texto é interessante na medida em que discute a questão da interferência da televisão na educação, nos mostrando que o mal não reside aí mas na própria ineficiência do sistema educacional. De acordo com a autora "Se as "tirantias" da modernidade nos atraem, mas ao mesmo tempo nos assustam, como ocorre com a TV, é preciso ter serenidade para refletir e observar que o poder da TV existe, mas não na direção em que o veículo freqüentemente é temido." (p. 93)

O último texto é de Maria Helena Martins, organizadora da presente obra, sua contribuição é: "Palavra e imagem: um diálogo,

uma provocação", que trata de linguagens que não a verbal; a autora coloca que seria enriquecedor que estas linguagens fossem aproveitadas em sala de aula, tomando o processo de ensino-aprendizagem mais agradável e proveitoso.

O livro como um todo é um instrumento sério no que concerne à educação, fazendo deste um bom material de leitura para bibliotecários, educadores e demais interessados em questões de linguagem.

Marta Alves de Sousa

EBDSC